

Cadernos de
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS – (58.3), Campinas, pp. 503-519 - set./dez. 2016

GRUPO PEUL: PASSADO, PRESENTE E FUTURO DE UMA AGENDA DE PESQUISA

MARIA DA CONCEIÇÃO DE PAIVA¹
CHRISTINA ABREU GOMES²

RESUMO: Neste artigo, focalizamos o passado, o presente e o futuro do grupo de pesquisas PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua). Traçamos brevemente o histórico deste grupo, cujo interesse inicial se voltou para a identificação de padrões de variação e mudança no português falado na cidade do Rio de Janeiro. Mostramos a expansão dos seus interesses teóricos e metodológicos, com a gradativa incorporação de outras amostras e conjugação com outros modelos teóricos. Ênfase especial é dada aos estudos da mudança em tempo real e à incorporação de mudanças na escrita. A seguir, discutimos novas possibilidades de modelagem da variação, notadamente sob a perspectiva dos Modelos Baseados no Uso. Levantamos algumas questões relativas à forma como o princípio de heterogeneidade ordenada pode ser tratado em abordagens que enfatizam princípios cognitivos e a gramática como uma rede hierarquizada de construções.

Palavras-chave: PEUL, histórico, variação, modelagem.

ABSTRACT: In this paper, we focus on the past, the present and the future of the research group PEUL (Program for the Study of Language Use). We briefly depict the history of this group whose initial interest focused on the identification of patterns of variation and change in the Portuguese spoken in the city of Rio de Janeiro. We show the expansion of their theoretical and methodological interests, with the gradual inclusion of new samples and the incorporation of other theoretical models. Special emphasis is given to the studies of change in real time and the diffusion of change in writing. Further, we discuss new possibilities to modelling variation, notably under the Usage Based Models approach. We raise some issues related to the way the principle of orderly heterogeneity can be conceived in approaches that emphasize cognitive principles and grammar as a hierarchical network of constructions.

Keywords: PEUL, history, variation, modelling

1. INTRODUÇÃO

É bem vinda a organização de um número comemorativo dos 50 anos da publicação de “The social stratification of English in New York City”, um trabalho no qual são estabelecidas bases teóricas e metodológicas para o estudo da variação linguística e, principalmente, sua interface com o componente social e estilístico. A perspectiva aberta por este texto seminal encontrou repercussão mundo afora,

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro.

inclusive no Brasil. Em território brasileiro, foi Anthony Julius Naro quem despertou o interesse pela Sociolinguística Variacionista, dando início à formação de vários pesquisadores que acreditaram, e continuam acreditando, no princípio de “heterogeneidade ordenada”, defendido em Weinreich, Labov & Herzog (1968). Aí estava plantada a semente do que mais tarde receberia o nome de *Projeto de Estudos sobre o uso da língua* (PEUL). No interstício entre o engajamento teórico-metodológico dos primeiros pesquisadores e os dias de hoje, um longo caminho foi percorrido, muitos resultados foram acumulados, novas frentes de batalha tanto empíricas como teóricas, desafiaram pesquisadores pioneiros e os novos, convertidos, agora, pela ação das muitas pessoas que contribuíram para consolidar o grupo (cf. OLIVEIRA e SILVA; SCHERRE 1996; PAIVA; SCHERRE 1999, PAIVA; PAREDES SILVA 2012).

Muitas foram e continuam sendo as vias empíricas e teóricas exploradas, ou mesmo abertas pelos pesquisadores: variação sociolinguística, mudança em tempo real, variação e aquisição do português como L1 e L2, aplicabilidade dos resultados obtidos no estudo da fala ao ensino do português, variação e gêneros textuais, variação em mídias digitais. Muitas destas frentes de trabalho envolveram colaboração entre pesquisadores de outras áreas, como Fonoaudiologia (MOLLICA 2009) e Ciência da Informação (MOLLICA 2012, MOLLICA; GONZALEZ 2012) e se concretizaram no desenvolvimento da Sociolinguística Educacional (MOLLICA 2000, 2003, MOLLICA; LEAL 2008). Um detalhamento maior das contribuições advindas dessas frentes de trabalho pode ser encontrado em Scherre & Roncarati (2008) e em Paiva & Paredes Silva (2012).

Neste artigo, tomamos como ponto de partida uma máxima de Confúcio: “Se queres conhecer o passado, examina o presente que é o resultado; se queres conhecer o futuro, examina o presente que é a causa”. E, assim, resolvemos contribuir com uma reflexão em que conjugamos passado, presente e futuro. Uma tarefa não muito simples, pois nos obriga a fazer um recorte que visa não apenas a fornecer uma visão integrada das contribuições do PEUL no que tange à compreensão da variação e mudança na comunidade de fala carioca, como também discutir formas de integração entre empírico e teórico. Ainda para efeito de recorte, retomamos dois pontos que ocupam um espaço central em estudos desenvolvidos mais recentemente (o presente) e abrem outras perspectivas sobre a forma de olhar para a variação linguística: a questão da interface entre estudos variacionistas e outros modelos teóricos e a questão da modelagem da variação.

Este artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, fazemos um breve histórico do trabalho desenvolvido pelo grupo PEUL, enfatizando as contribuições teóricas mais relevantes. A linha do tempo é tomada como vetor para situar a expansão de amostras diferenciadas orientadas por questões teóricas ligadas a três eixos: (a) variação e mudança em tempo aparente e em tempo real; (b) variação/mudança na fala e na escrita; (c) aquisição da variação por crianças e por falantes socialmente excluídos. Na seção 3, apresentamos as questões teóricas relativas à modelagem da variação e à questão variação-função, a partir de trabalhos que vêm sendo desenvolvidos principalmente na perspectiva de gramaticalização e dos modelos construcionistas e, finalmente, na seção 4, as considerações finais.

Ao longo do tempo, muitos foram os pesquisadores que contribuíram para a consolidação do grupo e realização dos seus objetivos, alimentando a constante curiosidade em torno de questões ligadas à interrelação entre variação e mudança, os problemas a que deve responder um estudo da mudança, sua contraparte social e as interfaces possíveis com diferentes modelos teóricos. Por correr o risco de cometer injustiças, optamos por não enumerá-los. Maior detalhamento acerca da composição do grupo em diversos momentos da sua história pode ser encontrada em Oliveira e Silva & Scherre (1996).

2. DO PASSADO PARA O PRESENTE: UM POUCO DE HISTÓRIA

No início dos anos 80, um grupo de pesquisadores reunidos em torno de Anthony Julius Naro apresentou à FINEP o Projeto “Censo da Variação Linguística no Rio de Janeiro”, cujo objetivo central era o estudo da variedade carioca falada por falantes não universitários. Deste objetivo mais geral, desdobravam-se dois outros: constituir uma amostra estratificada da capital fluminense e, a partir desta amostra, desvendar a “heterogeneidade ordenada” da variação atestada nessa variedade, a partir da aplicação de métodos quantitativos que permitem o estudo da variação linguística.³

O primeiro objetivo do projeto “Censo da Variação Linguística no Rio de Janeiro” se concretizou na constituição de uma amostra composta de entrevistas sociolinguísticas gravadas com 48 falantes, homens e mulheres, agrupados em três faixas etárias (15-25 anos, 26-49 anos e acima de 50 anos) e três grupos de escolaridade (Fundamental 1, Fundamental 2 e Ensino Médio), distribuídos, aleatoriamente, por diferentes bairros da cidade. Todos os falantes satisfaziam a condição de terem nascido e residido a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro.

Realizado um objetivo, outro se coloca: incluir a faixa etária de 7 a 14 anos visando a garantir maior representatividade da comunidade em foco. Este interesse ganhou corpo, em 1981, no projeto “Estruturas da fala e aquisição da língua padrão”, financiado pelo INEP. Longe de apenas expandir o Corpus Censo, a inclusão destes falantes mais jovens era um caminho para entender a variação entre pessoas que ainda estão expostas de forma mais continuada ao ensino escolar ministrado no nível fundamental. Da conjugação das duas amostras, tem origem a *Amostra Censo 1980*, hoje disponível *on line* para a comunidade científica.²

Uma contribuição inegável destes primeiros empreendimentos no estudo da variação foi a subsequente aplicação do mesmo modelo a outras regiões do país, o que permitiu não só a crescente disponibilização de materiais metodologicamente controlados para o estudo da variação linguística nos moldes labovianos, como a realização de estudos comparativos da variação no espaço geográfico e social.

³ Para mais detalhes, remetemos o leitor para Oliveira e Silva & Scherre (1996), Scherre & Roncarati (2008).

⁴ Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/peul/index.html>. Último acesso em 9 dez. 2016.

Após essas primeiras investidas na organização de amostras estratificadas de fala, vários outros projetos se seguiram com o objetivo de explorar ao máximo o material organizado. Destaca-se o “Projeto Subsídios Sociolinguísticos do projeto “Censo” à educação” (1982) que culminou na coletânea *Padrões sociolinguísticos: um estudo de fenômenos variáveis no português falado no Rio de Janeiro*. A obra permitiu discutir o efeito de macro-categorias como gênero, idade e nível de escolaridade sobre diferentes fenômenos variáveis: redução do ditongo [ey], concordância nominal, variação entre *seu* e *dele*, variação no uso de artigo frente a possessivos e patronímicos, regência do verbo de movimento *ir* e a variações entre *nós* e *a gente*. Uma contribuição importante desta coletânea é a análise do efeito de variáveis não estratificáveis (ou contínuas), como sensibilidade linguística, mercado ocupacional e o grau de contato do falante com a mídia. Destes estudos ressalta, ainda, a questão, bem conhecida dos sociolinguistas, da necessidade de considerar a interação entre variáveis sociais para explicar de forma mais adequada a contraparte social da variação e da mudança.

Ultrapassando o nível puramente descritivo, análises realizadas a partir da *Amostra Censo 1980* constituíram o ponto de partida para a reafirmação de princípios mais gerais de variação, tal como o princípio de saliência fônica (ver, por exemplo, Scherre & Naro (2008), Naro & Scherre (1999), ou a proposição de outros princípios, como o de paralelismo (cf. SCHERRE 1998, SCHERRE; NARO 1993), que nortearam muitos dos trabalhos subsequentes sobre diversos fenômenos variáveis no português brasileiro.

De peso na orientação teórico-metodológica dos pesquisadores ligados ao grupo foi o projeto “Mecanismos funcionais do uso linguístico” (1987), que inaugura uma integração entre pressupostos variacionistas e pressupostos funcionalistas no estudo da linguagem. Neste projeto, destaque especial é dado à forma como especificidades funcionais podem ser controladas na análise dos padrões de uso de variantes linguísticas. Tal questão ganha fôlego principalmente na atenção especial dos pesquisadores do PEUL a fenômenos de natureza morfossintática, como a alternância entre *nós* e *a gente* (OMENA 1996) ou a forma de realização do sujeito (PAREDES SILVA 2003, 2007); sintáticos, como ordenação de sintagmas preposicionais com função dativa (GOMES 2003, GOMES *et al.* 2003) e posição do sujeito (NARO; VOTRE 1999); fenômenos que operam na interface entre sintaxe e discurso, como formas de combinação de orações (PAIVA 1991, BRAGA 2003, GRYNER 2003); ou, ainda, o uso de elementos de organização textual e de marcadores discursivos (MACEDO 1998). Destacou-se também a extensão do modelo variacionista para o estudo de fenômenos de gramaticalização. Resultados desses estudos permitiram mostrar a forma como análise qualitativa e análise quantitativa intersectam, necessariamente, no estudo da variação. Instaurou-se, então, um diálogo frutífero que estabeleceu as bases para o que se tornaria conhecido como Sociofuncionalismo (GORSKI; TAVARES 2013).⁵

⁵ Ver também v. 7, n. 2, da *Revista de Estudos da Linguagem*, 1998.

O estudo da Amostra Censo 1980, desenvolvido com base no conceito mais clássico de comunidade de fala, permitiu identificar padrões compatíveis com hipóteses de que algumas mudanças estariam em curso na variedade carioca do português. Chegara, então, o momento de verificar se algumas diferenças intergeracionais observadas nos estudos da *Amostra Censo 1980* se confirmavam em tempo real. Assim, o projeto “Implementação e encaixamento da mudança linguística” (1999-2001) se propôs a árdua tarefa de revisitar a comunidade carioca e, na medida do possível, recontactar os falantes que participaram do primeiro “survey”. Desse projeto, resultou a constituição de uma nova amostra com 32 falantes cariocas (Amostra Censo 2000), estratificada de acordo com as mesmas macro-variáveis sociais da Amostra Censo 1980. Além disto, 16 falantes da Amostra Censo puderam ser localizados e regravados. Essas novas gravações associadas à *Amostra Censo 2000*, realizadas com um intervalo de 19 a 20 anos, forneceram as condições necessárias para a realização não só de estudos do tipo tendência (*trend studies*), como também de estudos do tipo painel (*panel studies*). A análise dos padrões de variação relativos ao mesmo fenômeno nas amostras *Censo 1980* e *Censo 2000* forneceram evidências para distinguir com maior segurança entre fenômenos relacionados a gradação etária e mudanças graduais que se instalam em toda a comunidade de fala. A comparação entre entrevistas dos falantes recontactados, por sua vez, permitiu identificar os subsistemas mais permeáveis à mudança na fala adulta e as variáveis sociais correlacionadas a esta instabilidade. A associação dos dois tipos de estudos forneceu elementos importantes para a discussão da complexa interrelação entre a mudança no indivíduo e a mudança na comunidade. Parte considerável dos resultados obtidos com este projeto estão reunidos em Paiva & Duarte (2003), em que são abordadas variações/mudanças no nível fonético/fonológico, morfossintático, sintático e discursivo.

Estes vários estudos permitiram discutir algumas questões centrais colocadas no clássico estudo de Weinreich, Labov & Herzog (1968). Para nos determos em apenas um exemplo, consideremos a variação na expressão do dativo, focalizada por Gomes (2003). A partir dos procedimentos de análise brevemente expostos acima, a autora comprova a escassez de complementos dativos na forma de clíticos e aumento no uso de sintagmas preposicionados encabeçados pela preposição *para* na fala carioca. Essa mudança, longe de ser um fenômeno independente, encaixa-se em uma matriz que envolve diversas mudanças e uma reorganização do sistema pronominal do português.

O foco no encaixamento de mudanças em uma língua propiciou o desenvolvimento de estudos baseados na interface entre princípios e métodos da Sociolinguística Variacionista e o modelo de Princípios e Parâmetros, na forma como proposto em Chomsky (1981, 1986) e trabalhos seguintes. Além do já mencionado estudo de Gomes (2003), um bom exemplo desta conjugação de abordagens teóricas é fornecido no estudo de Duarte (2003), que interpreta a redução/perda do sujeito nulo como um efeito colateral da reestruturação do sistema pronominal no português brasileiro. Dentro dessa perspectiva, outros fenômenos sintáticos, como restrições na ordem verbo-sujeito e deslocamento à esquerda, encaixam-se como subprodutos de uma mudança paramétrica mais geral no português brasileiro: a mudança em direção à língua orientada para o tópico.

Mais importante, ainda, é o fato de que a comparação entre os resultados discutidos nos diversos trabalhos permite mostrar que, no espaço de tempo considerado, mudanças encaixadas em uma mesma matriz social possuem ritmo de implementação diferenciado. Omena (2003) mostra que a propagação da forma “a gente” para referência à primeira pessoa do plural é menos transparente na comunidade, apresentando médias de frequência muito próximas nos dois momentos considerados, levando a crer numa situação de estabilidade nesse período. No entanto, é observado um aumento no uso dessa forma na maioria dos indivíduos recontactados, o que impõe a necessidade de considerar outros aspectos sociais ligados à implementação da mudança.

Se o *locus* natural da mudança é o vernáculo, tal como proposto por Labov (1972), inovações espalhadas pela fala podem migrar para a escrita, sinalizando, inclusive, seu estágio de implementação. O objetivo de verificar esta hipótese culminou na organização de uma amostra de escrita formal (*Amostra do Discurso Midiático*), constituída por textos jornalísticos representativos de diferentes gêneros, extraídos de jornais de grande circulação no Rio de Janeiro: *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Extra* e *O Povo*. A comparação controlada de alguns fenômenos variáveis (formas de realização da referência estendida, concordância verbal com sujeitos complexos, formas de realização dos complementos dativos, posição dos circunstanciais locativos e temporais, uso de clíticos acusativos e dativos) significou um avanço considerável não só para desconstrução da dicotomia entre fala e escrita como também para a compreensão de alguns aspectos centrais da relação entre norma e uso.

Para tomar apenas dois exemplos, o estudo de Gomes (2015) mostra que a perda dos clíticos dativos, generalizada na fala, como já vimos, é incontestável também na escrita. A diferença entre os dois canais se situa, no entanto, na maior recorrência de sintagmas preposicionais encabeçados pela preposição *a* na escrita. Este uso, mais conforme à norma, está, no entanto, distribuído de forma muito diferenciada de acordo com o gênero considerado, reduzindo-se, em especial, nas notícias jornalísticas esportivas. Ainda no que se refere aos pronomes clíticos, o trabalho de Duarte (2003) mostra que há aumento no uso dos clíticos acusativo, dativo e o *do se* apassivador/indeterminador na escrita formal, mas ainda com índices nitidamente inferiores aos que são observados em textos escritos do português europeu.

Mais recentemente, outras questões passam a despertar interesse, particularmente aquelas ligadas à aquisição da variação: qual o papel do input das variantes na aquisição? Como as crianças adquirem a heterogeneidade ordenada que caracteriza a comunidade de fala? Com o intuito de responder a tais questões, entre 2002 e 2005, empreendeu-se a constituição da Amostra *AQUIVAR*, uma amostra transversal, constituída por 36 crianças, nascidas na cidade do Rio de Janeiro, com idades entre 1;9 e 5;0 anos. As crianças pertencem a famílias com perfis sociais diferentes, definidos pela renda familiar: abaixo de 5 salários mínimos e acima de 20 salários mínimos da época em que as gravações foram realizadas. Estudos realizados com essa amostra permitiram avançar o entendimento sobre a aquisição da linguagem, que inclui, além das estruturas categóricas, também as variáveis. Um conjunto de trabalhos focalizando estruturas variáveis do português brasileiro

(VIEIRA 2006, BENAYON 2010, MENEZES; GOMES 2012, ABREU 2013) têm contribuído, até o momento, com evidências que apontam para: (a) convergência entre condicionamentos observados na gramática do adulto e na gramática que está sendo construída pela criança; (b) relação entre atuação de condicionamentos da variação, verificados nos estudos sobre as comunidades de fala, e idade, mostrando que, assim como na aquisição das estruturas categóricas, as crianças passam por diferentes estágios aquisitivos até atingir o mesmo domínio linguístico dos adultos; (c) reflexos da mudança linguística no comportamento das crianças.

Outra questão que se coloca é a da replicabilidade de padrões de mudança e variação em comunidades mais específicas. Assim, a constituição da *Amostra de Menores Infratores (EJLA)*, entre 2008 e 2009, composta por 14 adolescentes menores infratores que cumpriam medida socioeducativa no momento em que foram gravados, tem possibilitado o desenvolvimento de estudos que visam, primordialmente, a observar padrões de variação sociolinguística em situação de exclusão social em comparação com resultados obtidos com base em outras amostras da comunidade de fala do Rio de Janeiro, especialmente Censo e NURC. Esses trabalhos têm como objetivo geral identificar padrões sociolinguísticos desenvolvidos nesse grupo, caracterizado por uma severa privação de estrutura familiar, escolaridade regular, ausência de oportunidades de inserção social. Buscam, ainda, identificar aspectos de continuidade/descontinuidade entre esse grupo e outros grupos da comunidade de fala, tanto no que diz respeito a taxas gerais de variantes quanto ao comportamento de condicionamentos estruturais. Os trabalhos desenvolvidos até o momento sobre variação da fricativa (s) em coda e da concordância verbal de 3ª pessoa do plural (MELO 2012, GOMES *et al* 2016) têm mostrado: (a) descontinuidade de taxas globais da variante glotal (h), como em *mehmo* ~ *mesmo* e *capah* ~ *capaz*, entre este grupo social e os demais mapeados nas *Amostras Censo* e *NURC*; e (b) replicabilidade dos condicionamentos estruturais, embora os resultados indiquem padrões diferentes de variação da fricativa em coda para os mesmos itens lexicais entre os falantes da *EJLA* e da *Censo 2000*. Resultados de peso relativo para fatores de variáveis como saliência fônica e posição do sujeito em relação ao verbo indicam uma sistematicidade da variação menos granulada para os falantes da amostra *EJLA*, uma vez que a relação entre os pesos relativos de cada variável não apresenta a mesma gradiente observada nos resultados da *Amostra Censo 1980*.

Para além dos estudos que abordam a variação e a mudança linguística, outra frente de trabalho é representada nos estudos de Paredes Silva & Oliveira (2014) e Paredes Silva & Lima (2016), que têm abordado aspectos estruturais e funcionais de gêneros discursivos jornalísticos impressos e digitais, tais como notícias, editoriais de revistas, artigos de divulgação científica, blogs e crônicas, resenhas e resumos (GAMA 2012, BASTOS 2013, OLIVEIRA 2014, PAREDES SILVA 2015, PINTO 2014, 2015, SANTOS 2015). Estes estudos buscam depreender os padrões de correlação entre sintagmas nominais complexos, mais próprios da escrita culta, fluxo informacional e ordenação dos elementos no discurso.

3. DO PRESENTE PARA O FUTURO: INTERFACES POSSÍVEIS PARA A MODELAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

O *status* da variabilidade observada no uso tem recebido diferentes tratamentos ao longo dos diversos modelos teóricos da Linguística e se inclui como item de exploração na pauta de trabalho de diversos pesquisadores do PEUL. A expansão do conceito de “regra variável” para o nível da morfossintaxe ou da sintaxe conduz, necessariamente, à discussão de variável sociolinguística em termos de alternância entre formas com o mesmo significado. Esta questão, já largamente focalizada por diferentes autores (LAVANDERA 1978, WEINER; LABOV 1983, CHESHIRE 1987) ganha maior relevo numa possível integração com modelos teóricos que ou rejeitam a variação, pela impossibilidade de que uma mesma gramática possa gerar dois outputs distintos, ou consideram que duas formas, aparentemente equivalentes, possuem especificidades discursivo-funcionais, muitas vezes bastante sutis. Evidentemente, estas questões estão relacionadas ao tratamento teórico da variação e à natureza das representações e sua relação com as variantes observadas no uso. Duas interfaces foram exploradas na maioria dos estudos mencionados na seção anterior através da conjugação do pressuposto de variação inerente seja com princípios gerativistas, seja com princípios funcionalistas.

A interface Sociolinguística Variacionista e Teoria Gerativa compatibiliza a hipótese da heterogeneidade estruturada, o método analítico da Sociolinguística Variacionista e o modelo de Princípios e Parâmetros (TARALLO 1987, TARALLO; KATO 1989, DUARTE 2015). Segundo Duarte (2016:28-29), essa abordagem fornece sustentação teórica para abordar o encaixamento estrutural, uma questão central no estudo da mudança linguística (ver WEINREICH; LABOV; HERZOG 1968). Essa perspectiva permite estabelecer correlações entre mudanças aparentemente independentes e explicá-las em termos de alteração na marcação de valor de um parâmetro da gramática universal. Nesta abordagem, como ressalta Duarte (2016), as variantes para a expressão de um mesmo significado são vistas como outputs de gramáticas distintas, elas mesmas homogêneas, que competem entre si.

A associação entre pressupostos funcionalistas e pressupostos teórico-metodológicos variacionistas, por sua vez, permitiu avançar na compreensão mais integrada entre os diversos componentes da gramática, ao atestar o alcance explicativo de princípios discursivos e/ou cognitivos, como o de distribuição de informação, e cognitivos, como o princípio de “constituintes mais pesados à direita” (PAIVA 2012). Além disto, essa integração permitiu abrigar outras formas de variação, como a que envolve os múltiplos usos de uma mesma forma linguística em domínios funcionais distintos. O reconhecimento de que o efeito regular de fatores funcionais pode ser igualmente sistematizado não chega a se traduzir, no entanto, numa nova forma de modelagem da variação. Embora possa colocar em causa o próprio conceito de variável linguística, valores probabilísticos podem ser identificados para condicionamentos de natureza funcional e incorporados na descrição da variação reconhecida tanto no indivíduo como no grupo.

Questões ligadas à forma de modelagem da variação, principalmente à variação no indivíduo, encontram espaço importante nos Modelos Baseados no Uso (MBU) que associam pressupostos funcionalistas a modelos teóricos de orientação cognitiva. De acordo com os MBU, é a partir da experiência com instâncias do uso e mecanismos mais gerais da cognição humana que os falantes generalizam padrões/esquemas mais abstratos. Processos cognitivos como *chunking*⁶, capacidade de categorização, memória rica e analogia podem explicar a forma como novas construções emergem nas línguas, entram em concorrência/competição com outras já existentes ou mesmo as suplantam no curso do tempo. As proposições centrais desses modelos podem ser assim sumarizadas: a) a linguagem é definida como um conjunto redundante de informações gradientes, que se caracterizam por apresentar uma distribuição probabilística (BOD; HAY; JANNEDY 2003); b) abandonando o dualismo *nature x nurture*, a linguagem é entendida como um sistema cognitivo que precisa ser explicado em função de aspectos físicos, de especificidades que surgiram na evolução da espécie humana, e da interação do organismo com o meio ambiente (PIERREHUMBERT; BECKMAN; LADD 2000); c) a experiência com a língua tem impacto na organização do conhecimento linguístico abstrato; e d) a variabilidade observada em todos os níveis linguísticos é central e não pode ser capturada através de regras de reescritura; portanto, toda variação (socialmente indexada ou não) deve ser considerada intrínseca à gramática e à representação e não periférica e derivada (PIERREHUMBERT 2001). De acordo com essa última proposição, a variação assume um caráter representacional e não estritamente processual, como concebida na tradição variacionista inaugurada na formulação original de Weinreich, Labov & Herzog (1968).

Os conceitos de protótipo (LANGACKER 1987, 2008) e de exemplares (PIERREHUMBERT 2003) incorporados em diferentes proposições teóricas que estão abrigadas sob o rótulo MBU possibilitam uma modelagem da variação na qual detalhes do uso podem ser capturados e as abstrações não têm existência autônoma em relação às instâncias nas quais se baseiam (BYBEE 2010).

Uma vez que a experiência do falante com o uso linguístico tem impacto na representação e organização do conhecimento linguístico, o modelo captura tanto o efeito de frequência de ocorrência (*token frequency*) quanto de tipo (*type frequency*) (cf. BYBEE 2015). Frequência *type* está na origem tanto da produtividade de determinados padrões (esquemas) como no reforço deste mesmo padrão. A frequência *token*, por sua vez, pode explicar o “*entrenchement*” de unidades linguísticas, sejam elas itens lexicais ou seqüências de itens lexicais.

⁶ O processo de *chunking* diz respeito à representação como uma unidade complexa de seqüências de unidades utilizadas frequentemente juntas (Bybee 2010:7).

Estudos recentes sobre a variação sonora e morfológica têm contribuído com novas evidências para essa concepção representacional da variação, através da incorporação da frequência do item lexical ao lado de condicionamentos fonéticos, como o estudo de Melo (2012). O autor mostra a co-atuação das duas variáveis no condicionamento da realização da fricativa glotal (h) em coda. O comportamento diferenciado de itens lexicais de acordo com sua frequência coloca em questão o aspecto estritamente processual da variação. A interação entre frequência de ocorrência (*token*) e frequência de tipo (*type*) também se revelou importante na emergência de padrões morfológicos de número em palavras terminadas em –ão, como em *guardiões, irmãos e pães*: a propagação da forma –ões tem relação com a alta frequência de tipo deste padrão e com a baixa frequência de ocorrência do plural etimológico dos itens lexicais, como em *tabeliões e catalões* (cf. SEVERINO; GOMES 2016).

Ainda em relação à modelagem da variação, uma questão importante diz respeito à relação entre indivíduo e comunidade de fala, já abordada em estudos anteriores do PEUL através da conjugação de resultados de estudos de painel e estudos de tendência, conforme mencionado na seção 1. Em grande parte, os pressupostos dos Modelos Baseados no Uso dizem respeito à variação intra-falante, enquanto a variação inter-falantes tem sido mais tradicionalmente o objeto da Sociolinguística Variacionista. Podemos nos perguntar, então, em que medida a conjugação dessas abordagens pode contribuir para melhor situar a relação entre indivíduo e sociedade. Embora já abordada na pesquisa sociolinguística em estudos que focam os líderes da mudança (LABOV 2001), redes sociais (MILROY 2002) e o contato linguístico (KERSWILL 2002), ainda há muito o que avançar e explorar sobre esta questão.

No âmbito dos Modelos Baseados no Uso, ganham espaço teorias que concebem a gramática como um inventário estruturado e hierarquizado de construções (pareamentos convencionalizados de forma e significado/função) estruturado na forma de redes. Ultrapassando definitivamente qualquer distinção entre léxico e gramática, tais modelos propõem que tanto itens lexicais como sequências de diferentes graus de esquematicidade se organizam de forma semelhante, ligando-se entre si por relações de herança (CROFT; CRUSE 2004, GOLDBERG 1995, 2006).

Como construções são abstraídas de instâncias do uso e o uso é inerentemente variável, estes modelos permitem, em princípio, incorporar ao conhecimento do falante construções que possuem quase o mesmo significado, segundo a formulação de Bybee (2015), Tagliamonte (2012) e Hoffmann & Trousdale (2011), que competem no mesmo contexto, como “opções não conscientes” já disponibilizadas na gramática do falante. A maior ou menor chance de ocorrência de uma ou outra construção vai depender, em grande parte, do seu grau de *entrenchment*, resultante da sua frequência *token* e *type*. Além disso, não está excluída a possibilidade de que o conhecimento linguístico do falante inclua a probabilidade de ocorrência de uma determinada construção ao invés de outra.

Por um lado, essa perspectiva permite ultrapassar alguns limites aparentemente intransponíveis na interface com modelos funcionalistas, por incorporar no conceito de construção não apenas o significado referencial, mas também a função textual e/ou comunicativa das formas linguísticas. Por outro lado, a aplicabilidade dessa visão mais integrada de gramática não deixa de suscitar alguns problemas, na medida em que a própria definição de construção, entendida como um pareamento forma-significado/função, colocaria para o variacionista questões semelhantes às que já fomentaram amplas discussões acerca da equivalência semântico-funcional de duas formas linguísticas: se toda e qualquer diferença funcional leva à existência de outra construção, qualquer possibilidade de alternância entre elas seria anulada. Este problema fica ainda mais evidente no pressuposto de que mudanças operam no sentido de minimização de sinonímias. No caso de uma construção ser usada num contexto em que outra seria possível, ou mesmo esperada, o ouvinte assume que o falante a escolhe por razões funcionais distintas (GOLDBERG 2006:94-98). Uma questão se coloca, no entanto, para modelos que excluem a variação: se as construções são susceptíveis de mudanças, como elas podem mudar sem que haja variação?

Além disso, para os modelos de estudo de mudança propostos com base na modelização da gramática em termos construcionais, é necessário distinguir entre construcionalização e mudanças construcionais. O objetivo central no estudo da mudança é a emergência de novos pareamentos forma-significado/função, com grau diferenciado de esquematicidade, a partir de construções já existentes na língua. Este processo distingue-se de mudanças construcionais, na medida em que estas últimas podem afetar apenas a forma ou o significado de construções já existentes. Tanto a construcionalização como mudanças construcionais acarretam alterações nas redes em que as construções se situam.

No presente, é esta frente de trabalho que tem chamado mais a atenção de pesquisadores do PEUL e maior investimento em estudos diacrônicos sobre diferentes processos morfossintáticos. Destacam-se, por exemplo, trabalhos em andamento sobre o surgimento e evolução de construções conectivas causais, temporais e de contrajunção, de construções de aspecto terminativo e progressivo e de construções causativas. O objetivo central destes estudos é o de verificar em que medida mudanças atestadas em microconstruções ou nos subesquemas que as instanciam provocam rearranjos da rede a que eles pertencem e mesmo de outras redes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo refletimos sobre o trabalho desenvolvido pelo PEUL desde sua formação no início de 1980 até o presente momento. Mostramos que, ao longo do tempo, diferentes frentes no estudo da variação e da mudança despertaram o interesse de pesquisadores do grupo. Além disto, as questões teóricas relativas ao *status* da variação na modelagem do conhecimento linguístico do falante ocuparam e continuam ocupando um espaço central nos trabalhos desenvolvidos pelo grupo, seja através da análise de outros tipos de variação, seja através da verificação empírica de princípios e pressupostos de diferentes modelos teóricos.

Evidentemente, se o trabalho já realizado contribuiu para fornecer respostas a muitas questões, fazendo avançar o nosso conhecimento sobre alguns aspectos da variação inerente e ordenada na fala e na escrita e sua relação com a mudança, outras questões podem ser projetadas, decorrentes, sem dúvida, dos quadros teóricos adotados por diferentes pesquisadores do grupo. No entanto, qualquer integração com outros modelos teóricos tem de tomar como diretriz a centralidade da variação no conhecimento linguístico do falante, lembrando, ainda, de acordo com Pisoni e Levi (2005:9), que:

Variabilidade é uma propriedade inerente de todos os sistemas biológicos incluindo a fala e não pode ser ignorada, excluída dos protocolos experimentais, ou simplesmente considerada como uma indesejável fonte de ruído no sistema. Variabilidade precisa ser tomada seriamente e abordada diretamente.⁷

Neste caso, faz-se necessária a construção de uma modelagem teórica que seja capaz de acomodar os aspectos cognitivos e sociais do conhecimento linguístico. Podemos dizer, portanto, que desafiante é o caminho a trilhar e muitas são as vias a explorar.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Ana Cristina B. de (2013) *Aquisição de Orações Relativas no Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BASTOS, Mariana X. (2013) *O uso de sintagmas nominais complexos em artigos de divulgação científica*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BRAGA, Maria Luiza (2003) E aí se passaram 19 anos. In: PAIVA, M. C. de; DUARTE, M. E. L. (eds.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Paperj, p. 159-174.
- BENAYON, Aline R. (2010). *Aquisição das fricativas sibilantes no português brasileiro: propriedades distribucionais e variação*. Tese (Doutorado em Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BOD, Rens; HAY, Jennifer; JANNEDY, Stefanie (2003) *Probabilistic Linguistics*. Cambridge: MIT Press.
- BYBEE, Joan (2010) *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BYBEE, Joan (2015) *Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CHESHIRE, Jenny (1987) Syntactic variation, the linguistic variable, and sociolinguistic theory. *Linguistics* 25(2), p. 257-282.

⁷ “Variability is an inherent property of all biological systems including speech and it cannot be ignored, designed out of experimental protocols, or simply thought of as an undesirable source of noise in the system. Variability has to be taken seriously and approached directly.” (PISONI; LEVI 2005:9).

- CHOMSKY, Noam (1981). *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Forris.
- CHOMSKY, Noam (1986). *Knowledge of Language: its nature, origin, and use*. New York: Praeger.
- CROFT, William; CRUSE, D. Alan (2004). *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (2003) A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, p. 115-128.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (2015). Avanços no estudo da mudança sintática associando a Teoria da Variação e Mudança e a Teoria de Princípios e Parâmetro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 57, n. 1, p. 85-111.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (2016). O papel da linguística na evolução dos estudos gramaticais no Brasil. In: SÁ JR., L. A.; MARTINS, M. A. (org.) *Rumos da linguística brasileira no século XXI: historiografia, gramática e ensino*. São Paulo: Blucher.
- GAMA, Livia C. J. (2012). *Estratégias linguísticas de referenciação e escolha lexical em duas diferentes categorias de jornais*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- GOLDBERG, Adele (1995). *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: Chicago University Press.
- GOLDBERG, Adele (2006). *Constructions at Work: the nature of generalization in language*. Oxford: University Press.
- GOMES, Christina A. (2003). Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, p. 81-96.
- GOMES, Christina A. (2015). Uso variável do dativo na escrita jornalística: resistência e inovação na escrita formal contemporânea. In: PAIVA, M. da C.; GOMES, C. A. (Orgs). *Dinâmica da variação e da mudança na fala e na escrita*. Rio de Janeiro: Contra Capa, v. 1, p. 107-119.
- GOMES, Christina A., MELO, Marcelo A. L. S.; BARCELLOS, M. E. M. B. (2016). Dinâmica da variação sociolinguística em contexto de exclusão social. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem* (REVEL), edição especial, no prelo.
- GOMES, Christina A.; MOREIRA, A. L. B. ; SOUZA, C. M. ; VIEIRA, L. L. ; VIEIRA, M. C. P. (2003). Pressões estruturais e discursivas no condicionamento da variação: a ordem dos complementos verbais no português brasileiro. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs). *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. 1 ed. Rio de Janeiro: 7 Letras/Faperj, v. 1, p. 199-205.
- GORSKI, Edair; TAVARES, Maria Alice (2013). Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. *Revista do GELNE*, n, 1-2, vol. 15, p. 75-97.
- GRYNER, Helena (2003). Equilíbrio e desequilíbrio na evolução das estruturas condicionais. In: DUARTE, M. E. L. *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003, p. 175-192.
- HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (2011). Variation, change and constructions in English. *Cognitive Linguistics* 22(1), pp. 1-23.

- KERSWILL, Paul (2002). Koineization and accommodation. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.) *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, p. 669-702.
- LABOV, William (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LABOV, William (2001). *Principles of linguistic change: external factors*. Oxford/Cambridge: Blackwell.
- LANGACKER, Ronald (1987). *Foundations of Cognitive Grammar, volume 1: theoretical perspectives*. Stanford: Stanford University Press.
- LANGACKER, Ronald (2008). *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- LAVANDERA, Beatriz (1978). Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society* 7, p. 171-182.
- MACEDO, Alzira T. (1998). Iniciadores de turno em função da polidez. *Revista de Estudos da Linguagem* 7(2), p. 9-28.
- MELO, Marcelo A. L. S. (2012). Desenvolvendo novos padrões na comunidade de fala: um estudo sobre as fricativas em coda no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MENEZES, Vanessa C. F. de ; GOMES, Christina A. (2012). The Acquisition of Variable Coda (R) in the Speech Community of Rio de Janeiro. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics* (Online), v. 18, p. 58-64.
- MILROY, Leslie (2002). Social Networks. In: CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. *The Handbook of Language Variation and Change*, Oxford: Blackwell, p. 549–572.
- MOLLICA, Maria Cecília M. (2000). *Influência da fala na escrita*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro.
- MOLLICA, Maria Cecília M. (2003). *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- MOLLICA, Maria Cecília M. (2009). *Linguagem para a formação em letras, educação e Fonoaudiologia*. São Paulo: Contexto.
- MOLLICA, Maria Cecília M. (2012). Neologismos na era cibernética. PEREIRA, J. *Neologia e Neologismo no Brasil*. Curitiba: Editora Primas.
- MOLLICA, Maria Cecília M.; LEAL, Marisa (2008). Oralidades em linguagens. In: GONÇALVES, C. A.; ALMEIDA, M. L. L. de. (Org.). *Língua portuguesa: identidade, difusão e variabilidade*. Rio de Janeiro: AILP/UFRJ, v. 2, p. 493-502.
- MOLLICA, Maria Cecília M.; GONZALEZ, Marcos (2012). *Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis*. Curitiba: Editora APPRIS, 2012.
- NARO, Anthony J.; VOTRE, Sebastião J. (1999). Mecanismos funcionais do uso da língua – função e forma. *D.E.L.T.A* 8(2), p. 285-90.

- NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Marta P. (1999). Sobre o efeito do princípio da saliência na concordância verbal na fala moderna, na escrita antiga e na escrita moderna. In: MOURA, Denilda (org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: EDUFAL, p.26-37.
- OLIVEIRA, Felipe D. (2014). *O uso de Sintagmas Nominais complexos em blogs de opinião esportiva*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA E SILVA, Giselle M.; SCHERRE, Maria Marta P. (1996). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- OMENA, Nelize P. de (1996). A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. *Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 183-215.
- OMENA, Nelize P. de (2003). A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. C. de.; DUARTE, M. E. L. (orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, p. 63-80.
- PAIVA, Maria da Conceição de. (1991). *Ordenação de cláusulas causais: forma e função*. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- PAIVA, Maria da Conceição de (2012). Restrições à posição de Spreps temporais na modalidade falada. *Alfã*, São Paulo, 56 (1): 29-53.
- PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (2003). *Mudança linguística em tempo real*. Contra Capa/Faperj.
- PAIVA, Maria da Conceição de; PAREDES SILVA, Vera Lúcia (2012). Cumprindo uma pauta de trabalho: contribuições recentes do PEUL. *Alfa* 56(3): 739-770.
- PAIVA, Maria da Conceição de; SCHERRE, Maria Marta P. (1999). Retrospectiva sociolinguística: contribuições do PEUL. *D.E.L.T.A* 15, n. especial, p. 201-222.
- PAREDES SILVA, Vera Lúcia (2003). Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real. In: PAIVA, M. C. de; DUARTE, M. E. L. Duarte (orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, p.97-114.
- PAREDES SILVA, Vera Lúcia (2007). Continuidade de referência: Nomes, pronomes e anáfora zero em gêneros da fala e da escrita. *Linguística*, v.1, n.3, p.159-178.
- PAREDES SILVA, Vera Lúcia; OLIVEIRA, Amanda B. A. (2014). “É isso aí”: a variação na referência estendida em diferentes gêneros de escrita. In: PAIVA, M. da C.; GOMES, C. A.. (Org.). *Dinâmica da variação e da mudança na fala e na escrita*. 1 ed.Rio de Janeiro: Contra-Capa/FAPERJ, 2014, v. 1, p. 45-70.
- PAREDES SILVA, Vera Lúcia (2015). *Sintagmas Nominais complexos: critérios formais e funcionais de identificação, com reflexos na construção do gênero acadêmico ABSTRACT*. Actas da 4a. Conferencia Internacional em Gramática e Texto. Univ. Nova de Lisboa.
- PAREDES SILVA, Vera Lúcia; LIMA, Yalis D. R. (2016). Efeitos discursivos na expressão variável do sujeito de primeira pessoa do singular em blogs de viagem. *Web-Revista Sociodialecto*, vol 6, n. 18, p. 412-425.

- PIERREHUMBERT, Janet (2001) Exemplar dynamics: Word frequency, lenition, and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (eds.) *Frequency effects and the emergence of lexical structure*. Amsterdam: John Benjamins, p. 137-157.
- PIERREHUMBERT, Janet (2003) Probabilistic Phonology: Discrimination and Robustness. In: BOD, R.; HAY, J.; JANNEDY, S. (eds.) *Probabilistic Linguistics*. Cambridge MA: The MIT Press, p. 177-228.
- PIERREHUMBERT, Janet; BECKMAN, Mary; LADD, D. R. (2000). Conceptual foundations of phonology as a laboratory science. In: BURTON-ROBERT, N.; CARR, P.; DOCHERTY, G. (eds) *Phonological Knowledge*. Oxford: Oxford University Press, p. 273-304.
- PINTO, Pedro Ivo V. C. (2014). *Aspectos discursivos de Sintagmas Nominais complexos em crônicas jornalísticas*. Dissertação. (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- PINTO, Debora C. de A. (2015). *O gênero resenha acadêmica: um estudo sobre sua organização retórica e o uso de Sintagmas Nominais complexos*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- PISONI, David B.; LEVI, Susannah V. (2005). Some observations on representations and representational specificity in speech perception and spoken word recognition. *Research on Spoken Language Processing. Progress Report No. 27*, Indiana University, p. 3-26. <http://www.iu.edu/~srlweb/publications/>.
- SANTOS, Lorena C. (2015). *Da forma para a função: a correlação entre Sintagmas Nominais complexos e Editoriais*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SEVERINO, Miriam Cristina A; GOMES, Christina A. (2016). Variação linguística e emergência de padrões morfológicos: um estudo sobre o plural das palavras terminadas em -ão. *Web-Revista SOCIODIALETO*, v. 6, p. 815-841.
- SCHERRE, Maria Marta P. (1998). Paralelismo linguístico. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v.7, n.2, p.29-59.
- SCHERRE, Maria Marta P.; NARO, Anthony J. (1993). Duas dimensões do paralelismo formal na concordância de número no português popular do Brasil. *D.E.L.T.A* São Paulo: Educ., 9(1):1-14.
- SCHERRE, Maria Marta P.; NARO, Anthony J. (2008). (Perceptual vs. Grammatical Constraints and Social Factors in Subject-Verb Agreement in Brazilian Portuguese. *Working Papers in Linguistics*, Philadelphia, PA.
- SCHERRE, Maria Marta P.; RONCARATI, Cláudia. Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL): origens e trajetória.. In: VOTRE, Sebastião J.; RONCARATI, C. (orgs.). *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil - uma homenagem acadêmica*. 1ed.Rio de Janeiro: 7 Letras/FAPERJ, 2008, v. 1, p. 37-49.
- TAGLIAMONTE, Sali (2012). *Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Oxford: Wiley-Blackwell.
- TARALLO, Fernando (1987). Por uma sociolinguística românica paramétrica: fonologia e sintaxe. *Ensaios de linguística*, v. 13, p.51-84.
- TARALLO, Fernando; KATO, Mary A. (1989). Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-linguística. *Predição* 5, Campinas: RG.

- VIEIRA, Maria Cristina P. (2006). A emergência do padrão flexional variável de 3ª pessoa do plural na aquisição do PB como L1. 2006. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- WEINER, E. Judith; LABOV, William (1983). Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics* 19, p. 29-58.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, P.; MALKIEL, Y. (Eds) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, p. 95-188 [Fundamentos Empíricos para o Estudo da Mudança Linguística. Tradução de Marcos Bagno, São Paulo: Parábola Editorial. 2006.]